

AS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE IMPRESSOS ESTUDANTIS: PSIU E FERMENTO NO RIO GRANDE DO SUL DE 1980 A 1990

Patricia Machado Vieira

RESUMO

O presente artigo analisa dois conjuntos de impressos juvenis, produzidos por jovens participantes das Pastorais da Juventude da Igreja Católica, o Psiu e o Fermento. Atenta, de forma especial, às práticas de produção desses impressos e suas materialidade. Embasado nos pressupostos teóricos da História Cultural e inserido no campo da História da Educação, o estudo percorre os impressos produzidos e que circularam as décadas de 80 e 90 do século XX. A produção desses impressos era efetuada por jovens sem a formação específica para tal atividade, que aprendiam por meio da ação.

EDITORIAL: DO PRINCÍPIO DA ESCRITA

Este artigo intenta lançar olhares sobre as práticas de produção de impressos estudantis das décadas de 80 e 90 do século XX, em circulação no Rio Grande do Sul, especialmente aqueles periódicos que circularam entre jovens estudantes e foram produzidos pelos próprios jovens. O corpus empírico é composto por dois conjuntos de impressos, o Psiu e o Fermento, dos quais os jovens são sujeitos das práticas de produção, escrita e leitura, e a Igreja Católica é agenciadora de tais práticas.

O primeiro conjunto de impressos consiste em 31 edições do periódico intitulado *Psiu*, produzido pela Pastoral da Juventude Estudantil, em sua organização a nível estadual, Rio Grande do Sul. Localizei indícios de que circularam durante as décadas de 1980 a 1990, possivelmente 38 números entre março de 1984 e outubro de 1999.

A Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) é uma organização da Igreja Católica do Brasil criada em 1982 sob o título de “Pastoral Secundarista”. O objetivo é atender os jovens no meio específico onde se encontram, a escola. Dentre suas opções metodológicas estão o trabalho com grupos, a formação continuada dos jovens e um grande investimento de ação transformadora sobre a realidade (PJE, 2005). A PJE é, portanto, um segmento da Igreja Católica que se ocupa da tarefa de evangelizar e trabalhar com jovens estudantes em seu meio

específico, a escola. Os grupos de jovens, as atividades e ações são desenvolvidas na e a partir da escola.

O segundo conjunto analisado compreende 19 edições, 2 cartas e 3 edições especiais do periódico *Fermento*, com período de produção e circulação entre 1982 e 1989. Esse conjunto diz respeito à segunda fase de publicação desse impresso, sobre o qual pode identificar três momentos distintos de produção, com formatos diferentes e reiniciando a contagem das edições. O impresso era produzido e visava atingir o público de jovens da Arquidiocese de Porto Alegre¹, sob responsabilidade quanto à organização, manutenção e distribuição pela Coordenação Arquidiocesana de Jovens da Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude (PJ), assim como a Pastoral da Juventude Estudantil, é uma organização da Igreja Católica para o trabalho com juventude. Ela articula grupos juvenis inseridos em comunidades paroquiais, tendo como público jovens e adolescentes, em sua maioria, em idade escolar. A Coordenação da Pastoral da Juventude é composta por jovens representantes dos grupos organizados e desempenha funções ligadas ao suprimento das necessidades dos grupos para se organizarem, como: encontros formativos, materiais informativos, subsídios. Nesse contexto pode-se inserir a produção e circulação dos periódicos juvenis.

O campo teórico no qual a pesquisa se insere é a História Cultural que, segundo Chartier (2004), concebe a leitura e a escrita como práticas culturais. As práticas são entendidas como culturais “já que traduzem em atos as maneiras plurais como os homens dão significação ao mundo que é o seu” (CHARTIER, 2004, p.18). Nas práticas de escrita estão implicados diretamente esses conjuntos de significação, que ficam evidenciados nos textos, transcrições, protocolos de leitura, etc. As práticas de leitura possibilitam produções e apropriações diferenciadas, de acordo com cada sujeito e o contexto em que são empreendidas. Também modificam-se de acordo com as materialidades em que os textos são dados a ler.

Os impressos estão inseridos no contexto social da época em que foram produzidos e circularam. Considero-os, neste estudo, como documentos constituídos e constituintes das relações socioculturais dos jovens estudantes, para além do contexto escolar. A análise torna-se relevante, assim, por dar destaque a impressos produzidos por jovens, ligados a suas

¹ Arquidiocese é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica, territorial e administrativa. A Arquidiocese de Porto Alegre é composta por 29 municípios do entorno da cidade de Porto Alegre.

práticas de leitura e escrita. Ampliam os sujeitos e os objetos pesquisados em relação aos estudos comumente realizados na História da Educação (GALVÃO e LOPES, 2010).

Os impressos estudados nessa pesquisa foram produzidos de forma independente à instituição escolar, por organizações juvenis, trabalho dos próprios jovens, por vezes tutelados de alguma forma por um adulto que os acompanha, no caso da pastoral. A questão central a pensar é que esses impressos estão impregnados de aprendizagens escolares, circularam no espaço da escola, foram lidos pelos jovens que frequentavam as escolas. Muitos jovens tiveram sua formação fortemente embasada no ideário presente nos textos e páginas desses impressos. Não parece possível e pertinente pensá-los, portanto, independentes da escola. Os impressos aqui estudados estiveram, portanto, próximos da cultura escolar e sofreram sua influência.

O Psiu e o Fermento circularam pelas escolas sem, no entanto, serem práticas instituídas, tuteladas ou legitimadas pelas instituições escolares. De acordo com Núbio Mafrá (2003), esta condição de estar à revelia da escola, não significa que esta circulação não aconteça, mesmo que de forma quase invisível ou marginal pelas salas de aula e espaços escolares. Os impressos Psiu e Fermento, analisados neste estudo foram, em muitos momentos, apoiados e agenciados pelas instituições escolares católicas, sem, no entanto, serem práticas curriculares ou escolares, ou até mesmo valorizadas pelos professores em sala de aula. Não são práticas demandadas pela escola, são práticas próprias dos grupos de estudantes, por suas iniciativas de intervenção no mundo e de circulação sociocultural.

Há, ainda, uma complexidade muito sutil e, ao mesmo tempo, marcante nesses impressos juvenis. Ao falar dos objetos impressos Chartier afirma “que são sempre mais do que meros textos” (1998, p. 18) referindo-se aos protocolos de leitura, imagens e dispositivos tipográficos. Penso não trair o autor ao acrescentar a esses as subjetividades presentes na produção dos impressos, as culturas juvenis, as identidades, os ideários políticos e sociais, até mesmo as intenções e expectativas depositadas. Esses elementos têm reflexo sobre os textos, em parte constituem os textos em si. Os objetos impressos estudados nesta pesquisa são mais do que os textos que portam, do que as imagens que apresentam, são registros de memórias, trajetórias e desejos de grupos juvenis, daqueles que os escreveram, daqueles que os leram, daqueles que buscaram formar outros jovens escrevendo textos a eles dirigidos e daqueles que foram formados pela leitura.

Os impressos sobre os quais desenvolvi a pesquisa encontram-se disponíveis, reunidos e conservados, em um Acervo específico, localizado junto ao Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, no bairro Niterói, cidade de Canoas/RS. O Acervo foi constituído como Banco de Dados do Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ)², antigo instituto que encerrou as atividades em 2010. Segundo descrições publicadas,

O Banco de Dados foi criado como um espaço para arquivar e deixar registradas várias iniciativas das Pastorais de Juventude das dioceses, regionais do Brasil e dos países da América Latina, dos diversos movimentos juvenis e da juventude em geral. “As caixinhas”, como era chamado o Banco de Dados, guardavam as riquezas da caminhada pastoral de muitos lugares latino-americanos: históricos, relatórios de encontros, conclusões de assembléias etc... (PULITA, 2004, p. 32)

São muitos documentos que integram o Acervo do IPJ: documentos, fitas VHS, revistas, jornais, registros de atividades, atas de reuniões, cartas, subsídios de formação e, alguns tantos, impressos estudantis no formato periódico. Entre esses, os que selecionei para esta pesquisa.

PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DOS IMPRESSOS

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar as práticas de produção que estiveram implicadas nos impressos *Psu* e *Fermento*, por meio do mapeamento de referências presentes nos textos dos impressos e na observação das marcas editoriais, suas permanências e rupturas. É, portanto, fundamental o alerta de que há uma diferença importante entre a produção de textos e a produção de impressos (CHARTIER, 2011b). Mesmo no caso dos impressos deste estudo em que os sujeitos coincidem nas práticas de escrita, de produção e de leitura, tais práticas constituem-se como processos distintos.

O “espaço visual da página” (CHARTIER, 1999, p. 47) nos impressos *Psu* e *Fermento* foi construído a partir de combinações intencionais, ou não, mas que compunham a identidade visual desses impressos, assim como de muitos outros similares naquele contexto.

² O Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ) foi criado em janeiro de 1980, com sede em Porto Alegre/RS, localizado em uma casa nos fundos do Colégio Anchieta, dos padres Jesuítas. Constituiu-se em ação intercongregacional de trabalho com a juventude. Dentre as congregações com compunham o conselho administrativo do IPJ, figuram algumas bastante importantes no âmbito das escolas privadas: Jesuítas, Maristas, Lassalistas, Salesianos, entre outros.

Como iniciativa das diferentes frentes de trabalho com a juventude católica, mas também com o intuito de atender e ser espaço de acolhida para as diferentes juventudes (PULITA, 2004), o IPJ foi referência latino-americana em trabalho com juventudes e realizou atividade de formação, assessoria e pesquisa durante 30 anos, tendo suas atividades encerradas no ano de 2010.

A combinação de textos de crítica social, charges, imagens, citações bíblicas, músicas, inscritas de maneira quase artesanal no suporte impresso caracterizam um tipo específico de impresso, fruto de uma época e um modelo de ação pastoral. As pastorais com um engajamento político e social, mas com poucos recursos financeiros e sem profissionais com formação para a produção de impressos levaram a essas construções.

Procedo, então, a uma descrição da materialidade de cada impresso. As estratégias utilizadas na produção dos impressos têm uma intencionalidade que visa chegar ao leitor, auxiliar na construção de significações e de determinadas apropriações por parte do leitor, sobre o texto lido.

O primeiro conjunto que compõe o corpus desta pesquisa constitui-se de 31 edições do impresso estudantil *Psiu*, publicadas entre março de 1984 e outubro de 1999. Pela numeração das edições é possível afirmar que no período compreendido neste estudo, foram publicados ao menos 38 números, dos quais apenas 31 compõem o corpus examinado. Estão disponíveis dentre os materiais e documentos no Acervo consultado, enquanto os demais não foram localizados.

O *Psiu* constitui uma publicação da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) em seu âmbito de coordenação estadual. Isso significa um grupo de jovens representativo das diferentes regiões do Rio Grande do Sul onde havia grupos da PJE, que reuniam-se, em geral, com a periodicidade bimestral e o intuito de pensar e articular ações que qualificassem o trabalho pastoral com a juventude. Dentre as ações pensadas e executadas por essa coordenação estão as de comunicação e formação, nas quais o *Psiu* se inscreve.

No editorial da edição de número 1 (Figura 1) o *Psiu* foi apresentado como “um veículo de reflexão, comunicação e informação para os estudantes secundaristas que estão preocupados em ser cristãos no seu meio” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984). Na figura a seguir, de número 5, o fac-símile do texto completo do editorial, onde também são apresentados alguns objetivos do impresso e um convite à mobilização dos jovens: “Não podemos ficar calados, nem deixar as forças do sistema nos calar” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984).

Taí gente, O esperado apareceu...
É isto mesmo.
Um veículo de reflexão,
Comunicação e informação
Para os estudantes secundaristas
que estão preocupados em ser
Cristãos no seu meio.
É mais ou menos isto que
Queremos com este jornalzinho.
Talvez os objetivos podemos clarear
Com a caminhada que realizaremos.
Por hora é isto que estamos
Pensando para que este favoreça
Uma articulação entre os estudantes
Secundaristas cristãos, ajudando nas
Reflexões e na caminhada dos estudantes.
Queremos provocar discussões
Com isto para inquietar os alunos
Frente a realidade que nos envolve,
Não podemos ficar parados e nem
Deixar as forças do sistema nos calar.

Figura 1 – Recorte da página 1 da edição nº 1 do Psiu
Fonte – Acervo do IPJ

Esse editorial utiliza um conceito que parece ser bastante amplo, mas é central no contexto desses impressos e da pastoral, a expressão “caminhada” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984). A ideia de estar constantemente agindo frente à realidade social, de construir um processo de pastoral traduz a ideia de caminhada dos jovens e dos grupos juvenis.

As edições desse impresso não se encerram na de número 38, ele continua a ser produzido por mais alguns anos, tem sua produção interrompida e depois retomada por mais algum tempo. No entanto, estas edições posteriores não estão no escopo da pesquisa por apresentarem características mais institucionalizadas pelas congregações e por sua publicação ter sido posterior ao recorte temporal escolhido, décadas de 1980 e 1990, quando este tipo de impresso era mais abundante.

Os intervalos entre as edições são variáveis. Tendo como mínimo intervalo dois meses, chegou a circular com intervalo de até dois anos. Possivelmente, os longos intervalos se devam às frequentes mudanças de local de impressão, sem uma garantia quanto ao apoio

para sua distribuição. Outra possível causa de longos períodos sem publicação é a transição entre equipes de coordenação da PJE, problemas com o subsídio financeiro e a própria dificuldade dos jovens em elaborarem e organizarem o impresso.

Como é possível observar acima, não há regularidade no número de páginas das edições. Sete de suas edições conta com apenas quatro páginas, chegando ao número máximo de dezesseis páginas em uma das edições. Psiu apresenta, também, durante seu período de existência, uma grande variação quanto à materialidade do impresso. A fórmula editorial muda em diferentes períodos. Alguns desses períodos possuem características editoriais semelhantes, possíveis de ser descritas como fases de produção.

Identifiquei, a partir das características tipográficas, três principais agrupamentos semelhantes, que podem ser chamados de fases. A primeira fase vai da primeira à terceira edição e foi a mais artesanal, com duas ou três folhas, tamanho de ofício (A4), grampeadas em sentido vertical. A segunda, entre as edições de número 4 a 21, tinha um formato e recursos tipográficos bastante semelhantes aos outros conjuntos de impressos estudantis que localizei no acervo. Algumas folhas de ofício (A4) dobradas ao meio, com estilos de capa que perduram por mais de uma edição e um número maior de páginas. Por fim, a terceira fase do Psiu já não apresenta mais traços da produção artesanal. A partir da edição de número 22 ele conserva a identidade dos textos, mas muda a identidade visual para um boletim com patrocinadores, impresso em uma gráfica e não mais mimeografado.

No que se refere ao tamanho dos exemplares, o Psiu é o impresso que mais apresenta variações entre as edições localizadas para esta pesquisa. Inicialmente, tem um formato de três ou quatro folhas de ofício (A4) grampeadas, no sentido vertical. Na quarta edição, toma uma forma semelhante a do outro impresso, ou seja, folhas dobradas ao meio, formando um caderno grampeado. Esse formato é o que por mais tempo caracterizou o Psiu. Seu tamanho é de aproximadamente 22 cm de altura e 16 cm de largura. Apesar de algumas pequenas variações, possivelmente relacionadas a disponibilidade de papel de acordo com o local de impressão.

O conjunto de exemplares do impresso Fermento compreende 19 números, 2 cartas e 3 edições especiais que foram localizados no Acervo consultado. Esse conjunto diz respeito à segunda fase de publicação do impresso, do qual localizei edições distribuídas em três momentos diferentes de produção, com formatos diferentes e reiniciando a contagem das edições.

As edições do Fermento aqui examinadas também integram o Acervo do IPJ, que possui, ainda, os exemplares das outras duas fases de edição do Fermento. A primeira foi produzida entre 1973 a 1977, com 26 edições disponíveis, sendo que a última edição dessa fase disponível é a de número 29. A terceira fase é mais recente e data de 2000 a 2003, com poucas edições. O que diferencia essa última fase é a materialidade, ela é impressa em papel jornal, num formato que em uma primeira observação já classificamos como se tratando de um jornal, semelhante ao formato jornal que conhecemos hoje.

No período examinado, o impresso era produzido e visava atingir o público de jovens da Arquidiocese de Porto Alegre, e a responsabilidade de sua organização, manutenção e distribuição estava a cargo da Coordenação Arquidiocesana de Jovens da Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude (PJ), assim como a Pastoral da Juventude Estudantil, é uma organização da Igreja Católica para o trabalho com juventude, como indiquei anteriormente. Ela articula grupos juvenis inseridos em comunidades paroquiais, tendo como público jovens e adolescentes, em sua maioria, estudantes secundaristas ou do ensino médio.

A Coordenação da Pastoral da Juventude é composta por jovens representantes dos grupos organizados nas paróquias, meio específico de trabalho da Pastoral da Juventude. Esses representantes desempenham funções ligadas ao suprimento das necessidades dos grupos para se organizarem, como: encontros formativos, materiais informativos, subsídios, tais como o Fermento.

A numeração das edições localizadas começa no número 1 e vai até o número 19, sem faltar nenhuma edição nesse intervalo. Essa numeração foi atribuída quando da produção do impresso e consta, em geral, na capa. Os outros cinco exemplares localizados são: duas cartas (identificadas como “C1” e “C2” na tabela 4) intituladas “Fermentando”, e três edições especiais (identificadas como “EE1”, “EE2” e “EE3” na tabela 4). As edições especiais pautaram temáticas específicas como: as eleições, o Dia Nacional da Juventude (DNJ) e a 3ª Assembléia da Pastoral da Juventude.

A periodicidade das edições do Fermento variou muito ao longo dos oito anos em que circulou, sendo publicado com um intervalo mínimo de dois meses até a publicação de um único número no ano de 1984, lançado em outubro. Em alguns editoriais, o Departamento de Comunicação justifica os longos períodos entre uma publicação e outra, como a dificuldade em produzir o impresso, a falta de tempo, de recursos financeiros e até de participação dos grupos de jovens no envio de material, textos e notícias.

As 19 edições do Fermento que circularam entre 1982 e junho de 1989 apresentam características de conteúdo e tipográficas que coincidem bastante com a do outro conjunto, o Psiu. Quanto às edições analisadas, integrantes da segunda fase de publicação, não há indicações de que a edição de número 19 tenha sido a última. No entanto, não foi localizado nenhum número posterior a esse na seqüência de edições.

Os impressos adicionais que integram o conjunto Fermento – Cartas (C1, C2) e Edições Especiais (EE1, EE2 e EE3) – podem ser pensados como suplementos portadores de textos que por algum motivo não foram apresentados ou considerados como adequados ou possível de serem contemplados nas edições regulares.

O tamanho e formato do suporte do Fermento foi bastante regular, à exceção da edição de número 7 e da Edição Especial 2. Todas as demais edições eram compostas por folhas de ofício (A4) no sentido horizontal, dobradas ao meio, formando uma espécie de caderno. A impressão em tinta preta feita em folhas brancas só variou na edição de número 12, onde a tinta utilizada foi de cor azul e a Edição Especial 2 que é um tom rosa avermelhado. Acredito que a cor desta EE2 possa ter sido preta ou azul, mas o exemplar conservado no Acervo do IPJ foi a matriz do mimeógrafo, o que conferiu uma especificidade na cor.

O Fermento possui certa regularidade na forma. A capa em papel mais espesso apresenta, repito, o nome do periódico, ano, número e data da publicação, além de imagens e uma manchete. As páginas internas são brancas e apresentam textos de jovens, além de muitas reproduções de artigos e textos de jornais e livros referidos. Na maioria dos números, os textos vêm acompanhados de imagens e charges. Em grande parte, as imagens e charges aparecem como protocolos que objetivam contribuir para uma determinada compreensão do texto.

As imagens, tanto ilustrativas, quanto no formato de charges, são abundantes no Fermento. Algumas se repetem em variadas edições, embora, sempre impressas em tinta preta com contorno simples, condizentes com os recursos disponíveis naquele contexto e estilo artesanal de produção. As imagens veiculadas pelo impresso eram desenhadas pelos próprios jovens que detinham alguma habilidade nessa tarefa, ou recortadas de outros impressos em circulação no mesmo período, como é o caso das charges de cartunistas famosos.

Há, no Fermento, alguns campos constantes durante esta segunda fase de produção e circulação. O Editorial consta ao início de cada exemplar regular, exceto nas edições especiais e cartas.

Outro campo que aparece com grande frequência é o “Discuta com seus companheiros”, acompanhado de algumas perguntas para reflexão em grupo, o que constitui

uma dinâmica própria dos grupos de jovens da PJ. E uma marca desse campo específico é vir acompanhado de uma imagem ilustrativa com o título, como jovens em torno de uma mesa circular, que sugerem uma reunião de grupo de jovens. Os demais campos aparecem com títulos diferentes, porém remetendo a temas comuns, como educação, pastoral, política, oração, entre outros.

Os impressos Psiu e Fermento, com seus textos, imagens, materialidades, tinham objetivos próprios, fortemente influenciados pelos ideários aos quais estavam vinculados: uma escola de qualidade, uma sociedade mais justa e com menos desigualdades, a promoção dos mais pobres, a valorização do jovem como sujeito de transformação social, sobretudo através da conscientização e do engajamento nos movimentos pastorais e sociais. Essas intenções atravessam fortemente os processos de produção dos impressos, os próprios jovens escrevem, desenham, organizam, imprimem.

Ainda que no caso dos impressos analisados seja necessário ressaltar que os sujeitos autor e editor em geral coincidem desde o processo de escrita dos textos até a produção dos impressos e a distribuição para os leitores, trata-se de procedimentos que exigem competências e recursos diferenciados e que demonstram a complexidade envolvida no processo da imprensa de juventude.

Para identificar informações que pudessem levar ao conhecimento dos procedimentos de produção dos textos e impressão dos jornaizinhos aqui examinados, procurei indícios sobre esses aspectos nos próprios impressos, consultando todos os exemplares. Realizei um levantamento que denominei referências à produção dos impressos.

Nos exemplares do Psiu, identifiquei seis referências e nos exemplares do Fermento, nove referências.

Referências à Produção do Psiu			
Edição	Ano	Página	Citação
1	Mar./1984	1	EDITORIAL “Taí gente, o esperado apareceu... É isso mesmo. Um veículo de reflexão, comunicação o informação para os estudantes secundaristas que estão preocupados em ser cristãos no seu meio. É mais ou menos isto que queremos com este jornalzinho. Talvez os objetivos podemos clarear com a caminhada que realizaremos. Por hora é isto que estamos pensando para que este favoreça uma articulação entre os estudantes secundaristas cristãos, ajudando nas reflexões e na caminhada dos estudantes. Queremos provocar discussões com isto para inquietar os alunos frente a realidade que

			nos envolve. Não podemos ficar parados e nem deixar as forças do sistema nos calar.”
2	Maio/ 1984	2	EDITORIAL “Foram publicados 500 exemplares na 1ª edição, os quais foram distribuídos pelos núcleos do MPS a nível de Grande Porto Alegre e interior do Estado (RS). Sentimos que apesar da boa aceitação do 1º número, não houve a colaboração por parte da maioria dos núcleos para que se formulasse o 2º número, faltando-nos depoimentos, informações e sugestões de como está indo a articulação dentro de suas respectivas áreas. [...] Porém, entretanto, todavia esperamos que no 3º número possamos contar com a colaboração de todos”.
4	Out. Nov./ 1984	1	EDITORIAL “O PSIU foi elaborado com a intenção de possibilitar aos militantes da PJE e os estudantes em geral uma maior informação e reflexão sobre: Conjuntura Nacional, Educação e Situação atual da PJE, além de informes de Cursos e Encontros, como também relatos de atividades dos núcleos.”
7/8	1ºsem. /1988	1	EDITORIAL “Mas para que ele se torne realmente bimestral, conforme é nosso propósito, é preciso que os núcleos realmente se comprometam em mandar material.”
9	Nov./ 1989	1	EDITORIAL “As matérias que nele estão, são de autoria dos próprios jovens.”
21	Jul./ 1994	3	EDITORIAL “Ah, não se esqueçam de divulgar o nosso jornalzinho, e de assiná-lo, é claro. Continua custando R\$ 3,00 anuais.”

Tabela 1 – Referências a produção presentes no impresso Psiu.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

Referências à Produção do Fermento			
Edição	Ano	Página	Citação
1	1982	anexo	“Como participar do Fermento? Se você quiser, e puder, participar do Fermento poderá fazê-lo: enviando notícias do seu grupo, área ou movimento, articulando a distribuição do jornal em sua área, contribuindo em dinheiro para a obtenção de folhas e matrizes, escrevendo textos ou relatos que sirvam como material de reflexão, ou de qualquer outra forma, o importante é que você participe.”
2	Ago./ 1982	12	EDITORIAL “[...] o Depto. de Comunicações da CPJ, não se propõe a fazer um jornal PARA os grupos, antes de tudo, objetiva um Fermento construído com a participação efetiva dos jovens na elaboração das matérias, na contribuição espontânea, essencial ao funcionamento do jornal, e ainda, fundamentalmente, na distribuição do mesmo nas áreas.”
3	Out./ 1982	2	EDITORIAL “Esta tiragem, supera a casa dos 1.600 exemplares, todos com colocação.”
		15	Convite para a assinatura do Fermento, que passará a existir a partir desta edição, no valor de Cr\$500,00 ao ano, com um mínimo 8

			edições.
6	Nov./ 1983	2	Imagem destacando a dificuldade implicada na produção de um jornal.
13	Maió. Jun./ 1987	2	EDITORIAL “Depois de um tempo fora das ‘bancas’ da Pastoral da Juventude, o Fermento volta a circular a fim de ser um jornal de verdade, ou seja, um canal de informação, integração e interligação entre todos os grupos da Arquidiocese.”
16	Jun. Jul./ 1988	2	EDITORIAL “Paramos por um tempo, porque sentimos que o jornalzinho não estava tendo efetivo alcance nos grupos e áreas. Esta situação preocupou a equipe que o preparava e ocasionou a parada da publicação do Fermento. Este ano o trabalho será diferente!... As áreas terão papel fundamental e imprescindível na elaboração do jornal. E a equipe, por sua vez, terá sua estrutura mais ampla, composta numa concreta interligação com os Deptos. de Formação, a Equipe de Secretaria e a CPJ.”
18	Mar. Abr./ 1989	17	Há um anúncio das temáticas do próximo número, com uma lista de assuntos intitulada “E o que teremos para o próximo Fermento?”
19	Maió. Jun./ 1989	2	EDITORIAL “[...] o compromisso de ser na mão de nós, jovens, um meio de comunicação voltado para a realidade desse próprio jovem, um instrumento a mais na luta pela transformação da sociedade que tantas vezes nega ao jovem a liberdade de expressão e a sua capacidade imensa de denunciar as formas injustas que nos oprimem e escravizam.”

Tabela 2 – Referências a produção presentes no impresso Fermento.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

A grande maioria das referências aparece na coluna inicial dos impressos, intitulada Editorial. Apontam as dificuldades de produção e que levaram ao atraso da nova edição. Também convocam os leitores a contribuírem com opiniões e textos e apontarem motivações e objetivos da produção dos impressos.

Nos dois conjuntos de impressos foi possível encontrar muitos convites para participação na publicação, sugerindo o envio de cartas, comentários e opiniões. O Fermento apresenta quase na totalidade de seus números uma chamada para que os grupos enviem notícias das atividades desenvolvidas, ou então o calendário de suas próximas atividades. Aponta repetidas vezes como motivo para a demora na publicação de uma nova edição a pouca colaboração dos grupos e áreas, e justifica que

[...] não se propõe a fazer um jornal PARA os grupos, antes de tudo, objetiva um Fermento construído com a participação efetiva dos jovens na elaboração das matérias, na contribuição espontânea, essencial ao funcionamento do jornal, e ainda,

fundamentalmente, na distribuição do mesmo nas áreas. (FERMENTO, ago./1982, ano 1, nº 2, p.12)

O objetivo de ser um jornal construído com os grupos de jovens demonstra a participação de muitos na escrita de textos, envio de notícias, distribuição dos impressos. Nas várias etapas do processo de produção, os grupos de jovens são convidados a contribuir com uma participação efetiva. O sentido de protagonismo dos jovens comparece fortemente neste excerto, pois não se quer um jornal feito para os jovens, para os grupos de jovens e sim feito por eles, com eles.

A rede que se articulava para a elaboração do impresso possivelmente era muito maior do que a equipe que se envolvia nas práticas de produção em si mesmas. Havia muitos envolvidos na escrita de textos, na comunicação com os grupos para que esses textos chegassem aos que produziam o impresso, e mesmo em sua distribuição. No próprio jornal os jovens registram a tarefa desafiadora de manter o impresso. A figura 2 é provocativa, ainda mais em sua legenda: “Não é mole fazer jornal”.

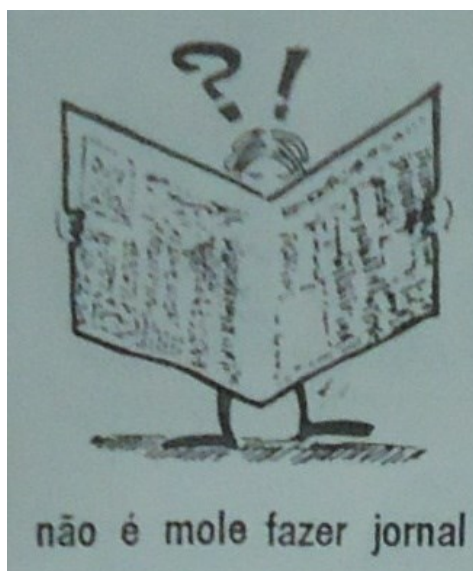


Figura 2 – Imagem presente na página 2, junto ao Editorial da edição de nº 6 do Fermento
Fonte – Acervo do IPJ.

Os impressos produzidos no contexto de militância e crença em um projeto de sociedade estavam atravessados por subjetividades, eram mais do que textos e imagens impressos em suportes simples de papel. O Psiu, o Fermento e tantos outros, eram ações de militância, de formação dos jovens, eram parte do processo que se acreditava necessário para a transformação da escola, da sociedade, da realidade.

Esses artefatos não eram produções isentas de intencionalidades. Quem escreve, quem desenha, quem pensa a estrutura, quem imprime... quem oferece a ideia primeira de produzir um jornalzinho, um impresso, até a distribuição dele, tem objetivos muito fortes, motiva todo o processo. Arlette Farge destaca que o impresso, “disfarçado ou não, ele é carregado de intenções, sendo que a mais evidente é a de ser lido pelos outros” (2009, p. 13).

Importa neste estudo de História da Educação destacar o papel formativo que os processos de produção de impressos tiveram na vida dos jovens que participavam, juntamente com seus grupos, na feitura desses artefatos. Além de serem produzidos com o intuito explícito de formar outros jovens, o que denota um empenho de didatização para que os mesmos pudessem ser objeto de leitura e debate, o próprio processo de produção era em si mesmo educativo, pois para produzi-los era preciso estudar, conhecer a realidade, ler muito, aprender as técnicas de composição, diagramar, distribuir.

Nesse contexto, a formação e os aprendizados eram variados nas vivências e nas ações práticas desenvolvidas nos grupos de jovens e nas atividades das pastorais de juventude de um modo mais amplo. No caso da produção dos impressos, vale ressaltar que não havia uma formação prévia sobre escrita de textos jornalísticos, ou de editoração, ou de impressão. As produções eram bastante artesanais, desenvolvidas a partir das experiências que iam sendo feitas diante da tarefa e dos aprendizados entre pares, adquiridos coletivamente por meio delas.

Os jovens das pastorais de juventude ampliavam seus repertórios de leituras, e tinham forte motivação para isso. Ampliavam também seus conhecimentos de história e de conjuntura social e política, por vezes tão descuidados nos currículos escolares, além dos conhecimentos de teologia e da Bíblia, no contexto de ação em que estavam inseridos. Liam, discutiam, escreviam, expunham publicamente para outros jovens suas leituras, tudo isso no âmbito de uma espécie de educação não-formal, designada na PJ como *formação*, contexto em que iam se apropriando de diversas competências, conteúdos e saber-ser/saber-fazer de múltiplas ordens. Essa formação desempenhava papel fundamental na vida dos jovens, que em muitos casos consideravam tais aprendizados como mais legítimos e efetivos em suas vidas do que as aprendizagens escolares, consideradas desinteressantes, inúteis, alienantes, sem participação dos estudantes, o que está atestado nas charges e textos críticos à escola nos impressos juvenis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dimensionar o significado e a importância dessa experiência histórica dos impressos estudantis de jovens implica, forçosamente, compreendê-los no contexto social da época em que foram produzidos e circularam. Neste estudo, foram considerados como documentos constituídos e constituintes das relações socioculturais dos jovens estudantes que participavam dos grupos de jovens das pastorais da juventude, em tempos de redemocratização da sociedade brasileira após o período da ditadura militar dos anos 1960 a fins dos anos 1970 e início da década de 80, bem como em tempos de emergência e afirmação do ideário da Teologia da Libertação no campo da Pastoral da Juventude. São, portanto, significativos para lançar olhares às práticas sociais e políticas, mas também às práticas pastorais, ao cotidiano escolar e às culturas juvenis, contextos implicados nas redes de relações cruzadas que ensejaram a sua produção. Não é possível interpretá-los sem pensar nos espaços por onde os jovens circulavam e nos quais agiam.

Os dois conjuntos de impressos – Psiu e Fermento – são o objeto central a que se dedicou a pesquisa, que por meio de uma descrição de suas materialidades e práticas de produção acredita ter demonstrado a importância dos mesmos na formação dos jovens que integravam os grupos juvenis que os produziam e que filiavam-se às pastorais de juventude da Igreja Católica. Esses impressos encontram-se disponíveis, reunidos e conservados em um Acervo específico junto ao Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, no bairro Niterói, cidade de Canoas/RS.

No caso do Psiu e do Fermento é necessário ressaltar que os sujeitos, autor e editor, em geral, coincidem desde o processo de escrita dos textos até a produção dos impressos e a distribuição para os leitores, também jovens estudantes, em sua maioria ligados aos grupos das pastorais de juventude. Psiu e Fermento podem ser pensados como práticas de formação de jovens em relação às quais podemos perscrutar procedimentos que exigem competências e recursos diferenciados e que demonstram a complexidade envolvida no processo da imprensa estudantil de jovens.

O “espaço visual da página” (CHARTIER, 1999, p. 47) nos impressos Psiu e Fermento foi construído a partir de combinações intencionais, ou não, que conformaram a identidade visual desses impressos, assim como de muitos outros similares naquele contexto. A combinação de variados gêneros textuais inscritos de maneira quase artesanal no suporte impresso caracterizam um tipo específico de impresso, fruto de uma época e um modelo de ação pastoral. As pastorais com um engajamento político e social, mas com poucos recursos

financeiros e sem profissionais com formação para a produção de impressos empreenderam essas construções com a participação efetiva dos jovens.

O objetivo de serem impressos produzidos pelos grupos de jovens demonstra a participação de muitos na escrita de textos, envio de notícias, distribuição dos impressos. Nas várias etapas do processo de produção, os grupos de jovens eram convidados a contribuir com uma participação efetiva. O sentido de protagonismo dos jovens comparece fortemente. Não se queria um jornal feito para os jovens, para os grupos de jovens e sim feito pelos jovens, com os pares e para circular entre os jovens.

O impresso, em suas variações, era fundamental para qualquer organização ou grupo que desejasse registrar e dar visibilidade às suas ações. O papel constituía-se como espaço de memória e de divulgação. Em muitos momentos, em vários editoriais, os impressos se afirmam como espaço de “comunicação com, dos e entre os” grupos de jovens. Noticiar atividades, eventos, datas, registros de experiências, convites, idéias, chamamentos ao engajamento foram objetivos que justificavam o empenho em criar, manter e difundir esses impressos.

Nesse contexto de produção do Psiu e do Fermento, a escrita não tinha um fim em si mesma. Os textos não eram escritos como forma de registro pessoal ou partilha para um pequeno grupo, tinham por objetivo a grande circulação entre os jovens das pastorais de juventude. Aqueles que escreviam tinham, também, uma motivação de militância, escreviam para que muitos lessem, esforçavam-se em formar opiniões semelhantes as suas, para promover debates, para informar, para levar ao engajamento na luta por uma sociedade com justiça e fraternidade.

REFERÊNCIAS

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

CHARTIER, Roger. *Aventuras do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Prefácio. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de leitura**. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011a. p. 19 – 22

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de leitura**. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011b. p. 77 – 105

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211 - 238

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, set./dez. 2003. p. 40 – 42.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003.

PJE. **Nossa Vida, Nossos Sonhos: Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil**. 2005.

PULITA, Raquel. **As lições de uma fonte** – análise da caminhada do Instituto de Pastoral da Juventude de Porto Alegre. Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação Especialização em Juventude. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.